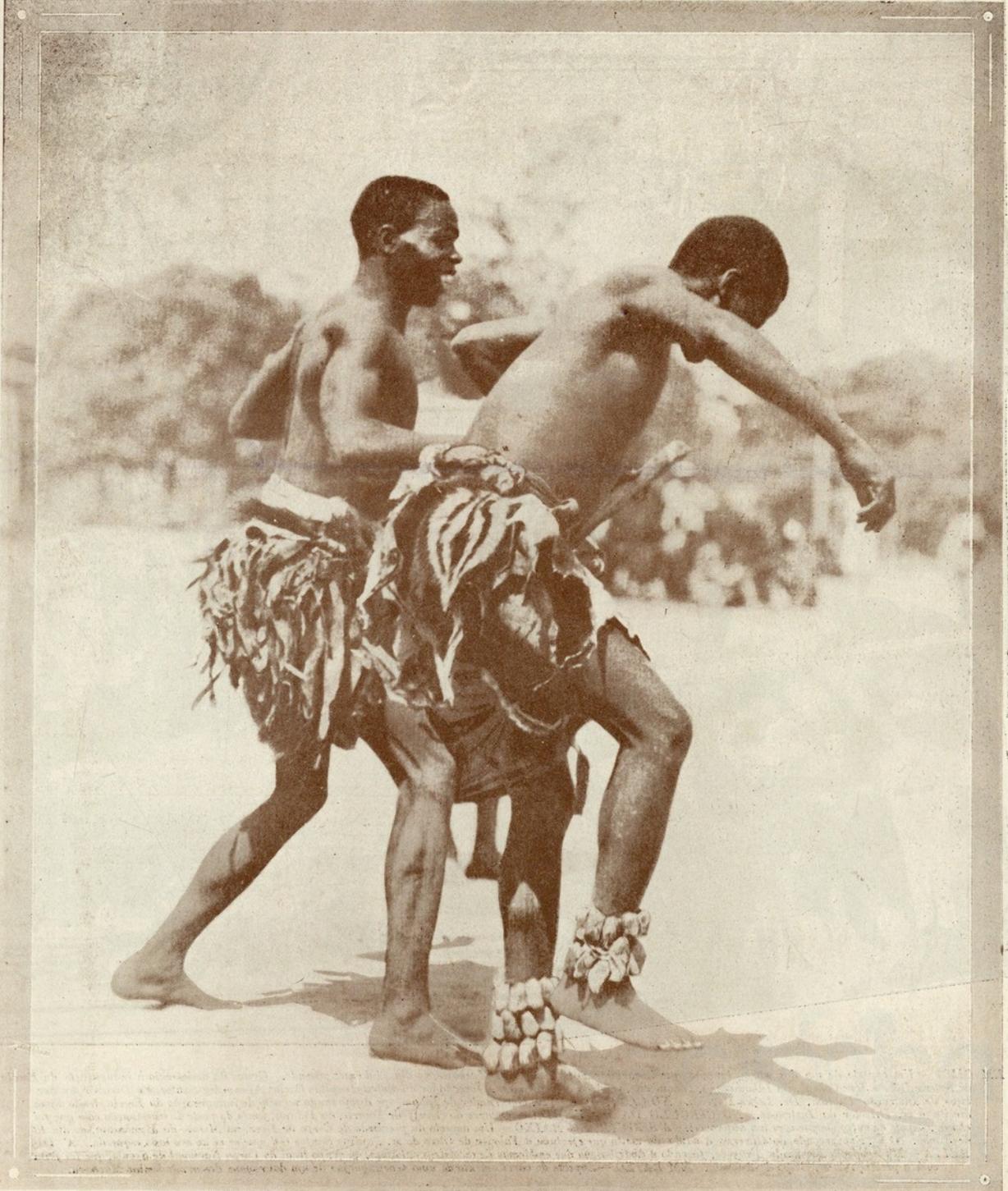
ANO I N.º 7
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Julho de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica — Director — SOBRAL DE CAMPOS — Sede — Praça 7 de Março

MACÚAS DANÇANDO... (Distrito de Moçambique)

Actualidades Provinciais

EM CIMA — Um aspecto de um dos vagons-tanques que descarrilaram na estação da Machava, no dia 21 do mez passado. Grupo da assistencia à inauguração da Escola de Artes e Oficios José Cabral, em Inhamussua, Inhambane, vendo-se ao centro o sr. Governador do distrito, capitão Carlos Afonso dos Santos, e o Director dos Serviços de Instrução Publica, Dr. Lopes Moreira. NO CIRCULO — O sr. Governador de Inhambane discursando no acto de inauguração da Escola, tendo á sua direita o sr. Director da Instrução. NO CIRCULO DA ESQUERDA — O carro do chauffeur Duarte, da Polana, junto do poste de iluminação com que foi chocar, depois de outro choque com um automovel. A SEGUIR, EM BAIXO — Um aspecto da procissão do Corpo de Deus, na Missão da Munhuana, no dia 18 de Junho. O sr. Encarregado do Governo á saida da visita que efectuou á Fabrica de Oleos do sr. Paulino Santos Gil, que se vê ao seu lado esquerdo. A' DIREITA — Mademoiselle Fernanda Fragoso, fazendo a distribuição dos emblemas de escoteiros catolicos, ao grupo local do Corpo Nacional de Scouts, que foi feita com a presença do sr. Bispo de Augusta. EM BAIXO — Aspecto do carrilamento de uma «carangueja» de um dos vagons descarrilados na Machava.

É já um facto observado e assente: os desastres, os naufrágios, os incendios, os crimes passionais, os suicidios, etc., veem por séries. Dir-se-ia que entre esses fenomenos e acontecimentos existe uma espécie de simpatia que os atrai, que os liga e os condiciona.

Vem isto a proposito do suicidio da quinzena. Ainda há bem pouco tempo registamos, neste mesmo lugar, o suicidio dum comerciante desta praça, e já hoje a nossa pena, confrangida, tem que lavrar mais um epitafio sobre a campa dum outro suicida, tambem comerciante de Lourenço Marques. E — caso curioso! — para que a cadeia que prende estes dois suicidas seja mais forte e mais estreita, até as causas ultimas e determinantes da sua decisão são identicas (as dificuldades financeiras e o inferno das dividas) e até o processo por que puzeram termo á vida foi o mesmo: deitaram-se á água, quizeram-se afogar! O primeiro deixou esposa e dois filhos pequeninos. O segundo deixou, na Metrópole, também cobertas de luto e de dôr, a esposa e uma filha — quási senhora — que estava cursando (ao que nos dizem, com muito brilhantismo) o curso do Conservatório. Velho colono, pessoa cheia de bondade, gozando de muitas simpatias, quizeram, porém, diversas circunstancias que fosse, nestes ultimos anos, decaindo de meios de fortuna e de possibilidades reactivas, trazendo-o, de degrau em degrau, a um cada vez mais baixo nivel de vida e ás infernais e consumidoras preocupações de todos os dias e de todas as horas.

Esta sua decisão de desesperado, de desiludido, de vencido, de derrotado, não nasceu, porém, ao que nos dizem, dum momento rápido de alucinação. Há muito tempo — já há cerca de dois anos — que uma grande tristesa o minava e que a idea da morte o assaltava, de vez em quando, como constituindo a unica solução — para a sua vida... Todavia, apesar de todos os desastres e insucessos que o iam perseguindo impiedosamente, e não obstante o peso dos anos, já avançados, a aniquilar-lhe faculdades de combate contra a adversidade, afivelava a mascara. E ninguem seria capaz de abranger, verdadeiramente, nos seus reais detalhes, a grandesa abroquelante do drama intimo que lhe ia nalma.

Foi-se um bom. Quantas vezes — mesmo nestes ultimos tempos do seu marcado declinio, de quási impossivel vida — ele se desprendia, a favor doutras pessoas, de cem ou de duzentos escudos que lhe faziam falta?! Quantas?! E quantas vezes tamanhos sacrificios, que o lançavam num inferno maior, mais devorador, teriam sido mal compreendidos e mal aproveitados por alguns daqueles que beneficiavam dessas suas generosidades!? Quantas vezes esses dinheiros — de que ele tanto necessitava! — teriam sido (num apice, num abrir e fechar de olhos e num impudico e repugnante descaro) queimados sobre o pano verde e a este levados pelas mãos que, momentos antes, dele os haviam recebido!?... Quantas?

Foi-se um bom. Ao recordá-lo, acodem-nos, ao bico da pena, estes versos de Cezario Verde:

Ai, daqueles que vivam neste caos
E sendo bons sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E, custa a crer, deixam viver os maus!

Como as doenças, a má sorte. Esta — não se sabe porquê — tambem escolhe, de preferencia, os bons...

* * *

Em Madrid acaba de se dar um crime horrivel. A escritora espanhola Aurora Hildgard Rodrigues, muito conhecida pelos seus romances estranhos, matou, com quatro tiros de pistola, a sua propria filha, Carmen Rodrigues, rapariga de 19 anos, que vinha colaborando, com grande brilho e marcado exito, nos jornais espanhóis da extrema esquerda! E matou-a, a frio, quando a filha se encontrava dormindo tranquilamente! A seguir ao crime a criminosa entregou-se á policia.

Segundo as curtas linhas dum telegrama há dias publicado no «Notícias», a cidade de Madrid ficou horrorisada com a tragédia. E, segundo o mesmo telegrama, essa tragédia teve origem no facto de a escritora ter educado a filha no amor livre e desta agora pretender casar com um rapaz de quem gostava, não se conformando a mãe com esse proceder excessivamente... antiquado, com essa formula demasiadamente burguesa: o casamento.

Acrescentava ainda o mesmo telegrama que Carmen Rodrigues havia aceitado, embora com constrangimento, — até o momento de pretender casar e de insistir nesse propósito — a orientação materna.

É sempre dificil fazer fé e chegar a conclusões ou a ideas definidas pela meia duzia de notas nervosas dum telegrama, mormente quando elas saem dum ambiente de paixão e veem coadas pelas intensas emoções do momento. É o que sucede agora. Este crime é, pelo que tem de invulgar e de brutal, de molde a impressionar. E impressionou, de facto, profundamente, a população madrilena. Nestas circunstancias, o movimento de antipatia e de repulsa que a opinião publica manifestou contra a criminosa, leva a encontrar, nesta, todos os defeitos e a fazer dela um monstro de perversidade e da sua alma uma chaga purulenta e repugnante. É isto precisamente o que no telegrama se reflete. Ele saiu duma onda de odios e de recriminações implacaveis.

Nestas circunstancias — repetimos — é sempre dificilima e arriscada a tarefa de encontrar a verdade, o meio termo equilibrado e justo, atravez das nervosas e perturbantes impressões dum telegrama assim. E arriscamo-nos tambem, por isso mesmo, a muitas surpresas, como já nos tem sucedido.

Evidentemente que não há nada que possa justificar o desumano e anormalissimo procedimento desta mãe. E impossivel é, em quaisquer circunstancias, conseguir-se, para ela, uma aura de simpatia. Mas seria Aurora Hildgard Rodrigues — a criminosa — realmente um monstro de perversidade e a sua alma teria, de facto, a podridão do monturo?

Teria ela procurado arrastar a filha para uma vida de repugnantes imoralidades? Pensamos que não. E, quando assim o pensamos e assim o escrevemos, não vai nisto o perdão para as suas culpas. Procuramos apenas raciocinar á roda do espantoso caso no intuito de o esclarecermos para nós proprios.

Aurora — a mãe — e Carmen — a filha — eram duas mulheres de ideais avançados. Disso não há duvida. A propria Carmen — é o telegrama que o refere e acentua — colaborava, com muito brilho e confirmado exito, nos jornais da extrema esquerda. Sendo assim, nada mais natural que, professando essas ideas, defendessem (ambas) sinceramente e com puresa de intenções, o amor livre, pois que, atacando a organização social desde as suas bases, desde os alicerces, não poderiam concordar com a formula do casamento. Simplesmente — ao contrário do que muitos, á mercê da ignorancia, podem supor — para elas, como para quantos assim sentem e pensam, amor livre não quere dizer imoralidade, prostituição, etc. Amor livre — para todos esses — quere significar — união livre. Uma união de duas pessoas de sexo diferente, condicionada apenas pelo amor, sem intervenção legal, mas destinada á constituição dum lar tão respeitavel — ás vezes até mais são, mais puro e mais perduravel — como os lares formados pelas uniões legais, pelo matrimonio. É assim que o entendem os que assim pensam e assim sentem. O notavel geografo, cientista e sociologo Elisée Reclus — homem dum alto espirito e duma alta moral, repleto de apreciáveis e raras virtudes — «casou» (digamo-lo assim) as suas duas filhas, por esta forma, com os eleitos dos seus corações.

É, pois, natural, que a mãe e a filha — figuras desta tragédia — assim pensassem tambem e até o defendessem em artigos de jornais e em livros. E, se assim fosse — embora possa discordar-se destas doutrinas ou orientações — esse «amor livre» de que nos fala o telegrama, não seria sinonimo de prostituição, não quereria dizer sucessivas ou simultaneas uniões livres e ilegais.

Que teria sucedido então? Carmen encontrou o homem que a faria feliz; e esse homem só a queria, como sua mulher, á face da lei e da actual organização social. E Carmen — menos fanatica ou sectarista que a mãe e á mercê da sua paixão amorosa, superior á paixão pelas suas ideas extremistas — transige e quere casar. Aurora — a mãe — não transige; revolta-se e mata. E, assim, este caso, é mais um triste e horroroso exemplo de como o fanatismo por qualquer idea pode conduzir aos crimes mais espantosos.

* * *

Ao findarmos esta cronica, dobramo-nos, entristecidos, sobre o doloroso panorama da vida actual. Evidentemente que em todos os tempos e em todos os povos sempre houve crimes e suicidios. Mas a verdade é que, na hora que decorre, lançamos a vista á nossa roda, deixamo-la seguir por mares e continentes, e, por toda a parte, só encontramos motivos de infelicidade, de dôr, de sofrimento, de lutas e de desesperos! Só nisso a nossa pena pode molhar-se... E como nos seria grato molha-la na tinta alacre das alegrias sãs e das felicidades limpidas e tranquilas!

(*A' esquerda*) — Muito em voga: Lindo «ensemble» de viagem com go a, punho e «toque» de pele de leopardo.

(*Ao centro*) — Riscas em diagonal serão a moda esta primavera. Modelo «Paquin», Paris. — Lindo casaco em azul marinho com riscas brancas, abotoando a gola, ao lado, por de baixo do braço

A' direita) — Modelo «Baroque», Londres. — Proprio para gente moça, este gracioso vestido de organdi — «neblinas de amor» — é bordado a branco, tem a capinha rodeada do mesmo tecido, e o cinto, atado na frente, é de veludo carmesim.

(*A' esquerda*) — Casaco «Reglan», modelo da casa «Baroque» de Londres. — Costume de sair e casaco em tweed novo chamado «oatmeal powdge clotk», com botões de madeira. Uma camisola de lã preta e um cinto de coiro completam a toilette.

Flores

As flores que animam e alindam os jardins das nossas casas, tambem agora, por ordem da Moda, alindam e animam os nossos vestidos. A sua «coquetterie» tão feminina realça a toilette mais modesta.

As flores que nós, ha um tempo para cá tinhamos abandonado, voltam a brilhar sobre as nossas parures. Aproveitemo-nos pois, largamente, da sua fantasia, enquanto é moda, e adornemos os nossos vestidos, os nossos casacos, de grandes «bouquets» de flores, artificiais ou naturais.

Não tenhamos medo de que elas sejam um enfeite muito espalhafatoso. Usam-se desde o ramo mais berrante ás mais sombrias cores. Estas ultimas, sendo em pano, dão um pouco a idea de um nó de fita, mas ainda assim, coitadas, podem ter a vaidade de estar «na moda», e de darem á nossa toilette qualquer cousa como um sorriso — de graciosidade.

Nos chapeus, formando ombreiras nos decotes dos vestidos de baile, nos sacos de mão e até nas luvas claras de largo canhão, debruando o, elas se encontram, em todas as toilettes, alegrando as sempre com a sua beleza.

AS HORAS DA MANHÃ EM LOURENÇO MARQUES

como Fernando Baldaque as ouve e como Santana as interpreta.

6 horas: — Zu-hu-hu-hu-hu...

Silva o apito do Forno Crematório. Acordam vários cidadãos, que se erguem dos colchões de palha-côco e, de pijama e chinelos, vão até á casinha de banho, onde raspam os pelinhos do rosto, com laminas compradas no monhé, porque são mais baratas e a hora é de sacrificios. Chuveiram-se e emquanto envergam a fatiota, assobia, cá de baixo, o sinal do Caminho de Ferro dizendo: «Ó meninos, são 6 1/2»!

Um electrico que acordou mal humorado, estremunhado, tropeça logo ao sair de casa, e descarrila na «24 de Julho»!

* * *

7 horas: — Cinco minutos antes, assobia de novo o C. F. Muitas senhoras, espreguiçam-se nas caminhas de chanfuta e abrem o olho direito. Cinco minutos depois, — 7 em ponto —, ao novo silvo do apito, as senhoras abrem o olho esquerdo.

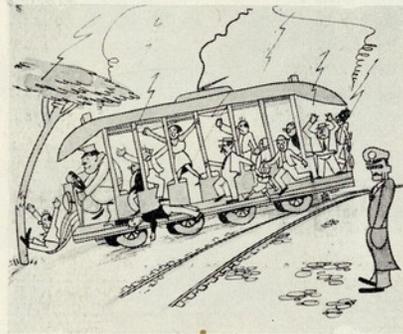
Fafetine, bate á porta do aposento e diz: «Patarão foi no serviço. Messisse, vai no Bazar»?

E as Messisses levantam-se, banham-se e perfumam-se.

É a esta hora que mais se consome o rouge, o baton, os «poses» de arroz, Nally, Noblesse e Cotty!

Mata-se o bicho.

Cai na «Pinheiro Chagas» um fio condu-

tor, — que já era velho colono —, e estava farto de conduzir electricos rançosos!

* * *

8 horas: — Electricos, autos e machimbombos, despejam ás portas das lojas e das repartições muita caixeirinha, fresquinha como alfaces, muita dactilografa mimosa como folhas de rosas e um turno de telefonistas gentis, preparando a doçura macia das suas vozes para nos dizer «Central»? ou «Está em comunicação»!

Há namorados que as acompanham ou as esperam e aspirantes a eles, que as olham lambendo os beiços...

Abrem as lojas e as repartições.

Os ardinas apregoam o «Notíça», «Gardiannn», «Derêto», etc.

Um electrico desejoso de ir matar o bicho ao Hazis, sai dos «rails» na Avenida Aguiar.

* * *

9 horas: — Algum funcionalismo só chega a esta hora aos seus lugares. Não é por mal, é porque se demorou encostado na verga duma cadeira da «7 de Março», saboreando um «moka».

Leem-se jornais.

Pelas Avenidas os «Piqueninos», depois de

terem preparado os biberons, posto as anaguas aos miudos, passeiam os bébés em carrinhos, porque as mamãs não têm tempo para mudar as fraldas aos rebentos, pois mal lhes chega a manhã para vir á Baixa estafar a massa dos consortes...

O electrico da Praia, sabendo que está na «Season», quere tomar banho na Praia e desvia-se dos carris na passagem da estrada marginal!

* * *

10 horas: — É esta uma hora serena, tepida, pouco colorida.

Há pouca gente pelas ruas.

Indiferença.

Para entreter a monotonia, rebenta, ali pelas alturas do Cardoso Hotel, um fio que andava de rixa com o troley do electrico vermelho.

* * *

11 horas: — Anima-se a «Consiglieri Pedroso». Fazem-se compras nas lojas. Senhoras escolhem linhas e botões.

O electrico, que teimoso não quiz entrar na curva da «Mac-Mahon», — porque não estava ali para as curvas —, vai jardinar para cima do capim.

* * *

11 e meia: — Hora especial. A de maior

animação na Cidade. Há bulicio, alegria, luz. Cheira ao almoço.

Correm motos, bicicletes, taxis, electricos, machimbombos, carros e carretas.

Uns especam-se nas paragens da viação, outros vão ao Carlton jogar «whiskies» e tasquinhar «hors d'œuvres» ou para o Sideris bater os dados por Vermouths.

O «azul» e o sobressalente da «Machaquene» passam á «cunha». 20 passageiros em cada banco, fora os que vão na plataforma, nos estribos e no salva-vidas.

Moleques, cruzam as ruas, levando as latas dos almoços que foram buscar aos restaurantes.

Um electrico todo sonhador e com o pen-

samento nas caras bonitas que os seus bancos abrigam nos braços, descarrila na «Ilha dos Galegos»!

* * *

Meio-dia: — Sol a pino. Luz, Côr. Os rapazes esperam as caixeirinhas nas esquinas e nas paragens, e elas passam saltitando como bando alegre de passarada gorgeante. Umas atrelam-se aos derriços, outras, que os não

têm, no canto sombrio do carro, sonham com um «az» do cinema.

Ás esquinas, vários cavalheiros esperam os amigos que têm automovel para apelar uma borla para o almoço!

Na Travessa da Fonte, cai um fio que não quiz fiar mais uma carreira ao electrico!

* * *

Meio-dia e picos: — A Baixa é erma, tem quietude e paz.

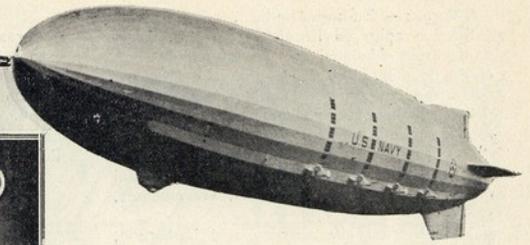
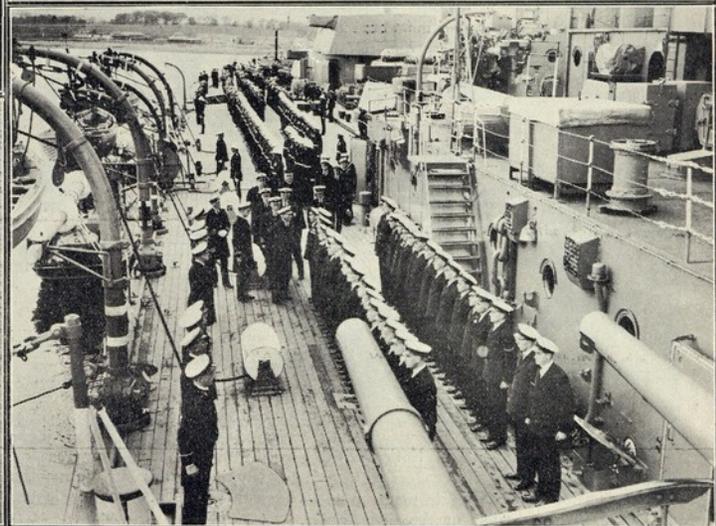
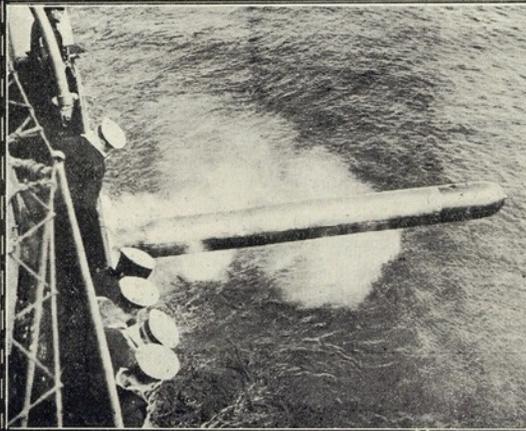
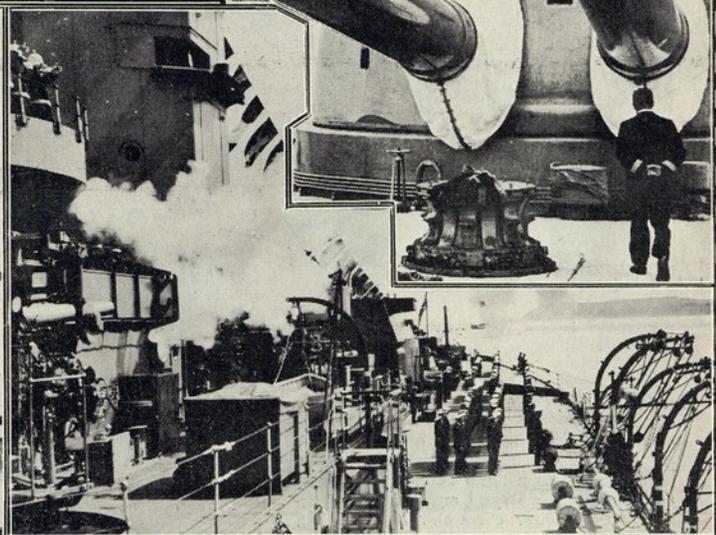
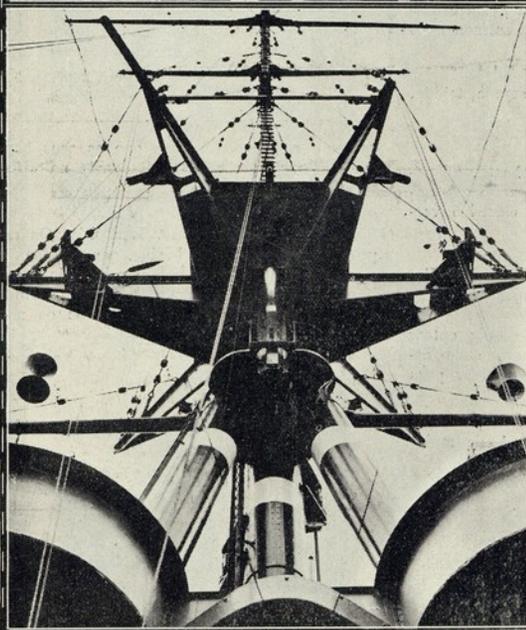
Cai em sonolencia. Pelas altas telintam talheres.

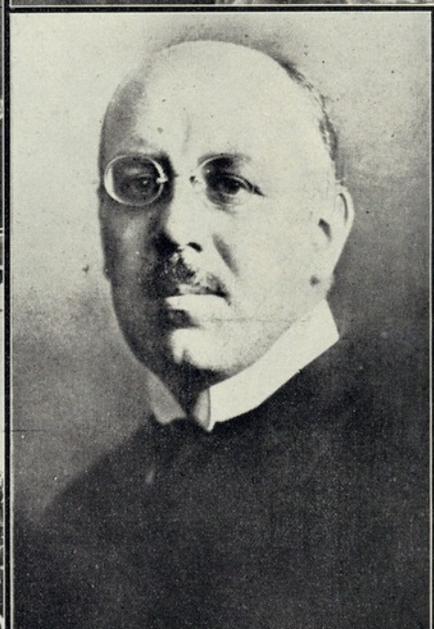
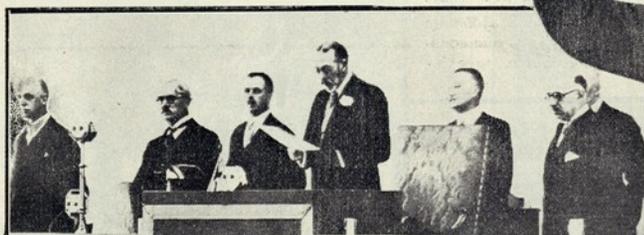
Ao longe, ouve-se o gemido do electrico do Alto-Maé que soluça: «Não ando mais, pois são horas do meu almoço». E, dizendo não «ando mais», não anda mesmo!

As meninas lêem a «Hora do Chá» (não é reclame).

E eu e o Santana vamos almoçar...

Em nome da Paz

"Safety first"

Emquanto nos Estados Unidos se lançava aos ares o maior dirigivel do mundo--"U. S. Macon"---a "Home Fleet" britânica concentrava em Invergordon, para as manobras de verão.

Conferencia Económica Mundial

O General Smuts, que seguiu do Cabo com outros delegados Sul Africanos, pela via aérea, no momento da sua chegada ao aerodromo de Croydon.

Esta-se realizando em Londres a Conferencia Económica Mundial, a maior assembleia internacional que até hoje se tem reunido. Nela se encontram representadas 67 nações por 168] delegados. Todo o mundo culto, nesta hora convulsionada e de graves incertezas e apreensões, pôs nesta Conferencia as suas melhores esperanças. A verdade, porem, é que, segundo o que o telegrafo nos tem já comunicado, essas esperanças têm sido iludidas, sendo licito duvidar-se dos profundos resultados pratizos duma assembleia de tamanha grandeza de intuitos.

O rei Jorge, de Inglaterra, lendo o discurso de abertura, na sessão inaugural de 12 de Junho, junto do principe herdeiro, vendo-se á sua direita Mac Donald e Drumond, e, á esquerda, o Secretário Geral da Liga das Nações e Avenol, Secretário Geral da Conferencia.

Um aspecto geral da assembleia.

O sr. Avenol, Secretário Geral da Conferencia.

O banquete realizado em «Grosvenor House», no dia 12 de Junho, e oferecido pelo Governo inglez aos delegados á Conferencia.

Pelo mundo católico

Em Liverpool teve lugar, no principio do passado mês de Junho, o lançamento da primeira pedra do Arcebispado catolico romano.

Organizaram-se, por essa ocasião, várias festas e cerimonias religiosas, que foram concorridissimas e que se revestiram de muita pompa e solenidade.

Uma das nossas gravuras mostra-nos uma dessas cerimonias: a procissão clerical para o lançamento da primeira pedra.

Noutra gravura vê-se o cardeal MacRory que foi quem, na ausencia do cardeal Bourne, representou legalmente o Papado durante as festividades religiosas ali realizadas por essa ocasião.

* * *

O Papa saiu do Vaticano para fazer a santa visita á basilica de S. João de Latrão, em Roma. Essa visita, que constituiu uma notavel solenidade, teve lugar em 25 de Maio proximo passado, presidindo o Papa á missa celebrada pelo cardeal Sineso.

No fim da missa, que se realizou ao ar livre, a enorme multidão, que se apinhava na praça onde se ergue a basilica, recebeu ali a benção papal.

Esta visita atraiu a atenção e a concorrencia dos fieis porque foi este o primeiro Pontifice que, desde a época do Estado Papal, visitou a basilica de S. João de Latrão.

As nossas gravuras dão-nos uma impressão clara da importancia que, para os catolicos da velha cidade dos papas, teve esta invulgar solenidade religiosa.

Excursão de estudantes

Da esquerda para a direita — 1.º p'ano: *Orlando M. Mendes, Alexandre Lobato, Jounot L. Fernandes, Maria Julia Saldanha, João Guilherme Brito, José Pinho e Norberto Sobral de Campos.* 2.º plano: *José Jofre L. Fernandes, José Luiz R. Marti s, Armando Ferreira Pombal, Julio Santos Serra e Mario G. Morais e Castro.*

No dia 20 do mês findo, os alunos da setima classe do liceu, de letras e ciencias, realizaram uma excursão de estudo a Ressano Garcia, que decorreu com o máximo interesse e num excelente ambiente de elevada camaradagem entre professores e discipulos — sem a menor quebra de disciplina e sem a mais leve nota discordante.

A excursão, que foi dirigida pelo sr. dr. Humberto de Avelar, na qualidade de Director da setima classe, foi especial e directamente acompanhada pelos srs. drs. António Esquivel e César Fontes, professores das disciplinas que eram o objecto de estudo.

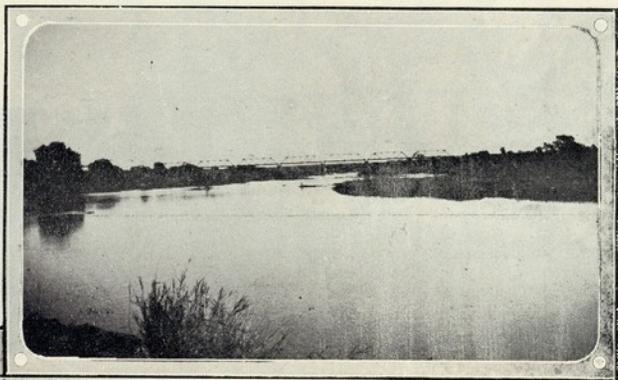
Apoz a chegada a Ressano Garcia e depois dos alunos substituirem a capa e batina por trajos apropriados para a ascensão á serra e se munirem dos aparelhos destinados ás observações geográficas e ás classificações geologicas, deu-se começo aos fins da excursão.

Na altitude de 200 metros, os alunos dividiram-se em dois grupos: um, acompanhado pelo sr. dr. César Fontes, ficou-se ocupando do exame e classificação de várias pedras; outro, acompanhado pelo sr. dr. Esquivel, continuou a subida da serra para visar alguns pontos mais importantes e determinar a situação geográfica do local, tendo chegado mesmo ao cume da serra onde se encontra o marco que mostra uma das nossas gravuras e que serve para limitar a fronteira.

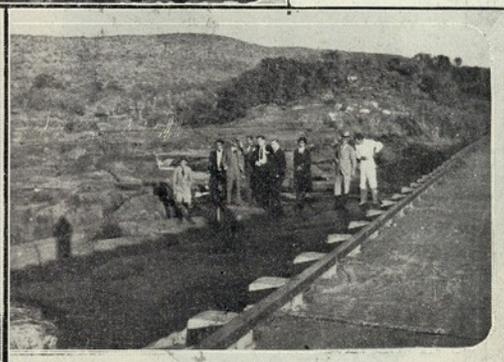
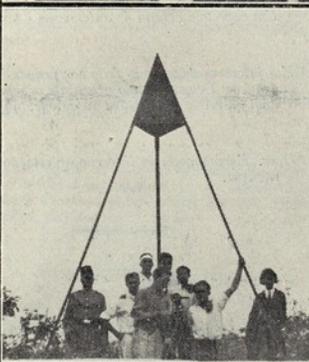
Deixado esse marco, esse grupo de alunos dirigiu-se para um monte fronteiriço e, montando o teodolito e visando a Namaacha, Komatipoort e um outro monte, procederam á determinação do lugar.

Findos os trabalhos dos dois grupos de alunos, professores e discipulos desceram á vila, onde os esperava um esplendido almoço que decorreu muito animado, dominando um marcante á vontade, que não excluiu o respeito que os rapazes têm pelos seus professores — seus companheiros de estudo — nem a franca simpatia e consideração dos mestres pelos seus discipulos, quási homens, que em breve deixam esta cidade para seguirem, na Metropole, os seus cursos superiores.

Acabado o almoço, parte dos alunos ficou na vila jogando o tenis com o sr. dr. Esquivel. Outros, na companhia dos srs. drs. Fontes e Avelar, visitaram Komatipoort, transportando-se em automoveis gentilmente cedidos por pessoas de Ressano Garcia, apoz o que se fez o regresso de todos a esta cidade, pelo comboio das 17,45.

Á util e interessante excursão de estudo dos setimanistas prestou todo o auxilio e boa vontade, o sr. dr. Eurico Cabral, Reitor do Liceu 5 de Outubro.

Ponte internacional sobre o Incomati.

Num dos reductos da guerra anglo boer.

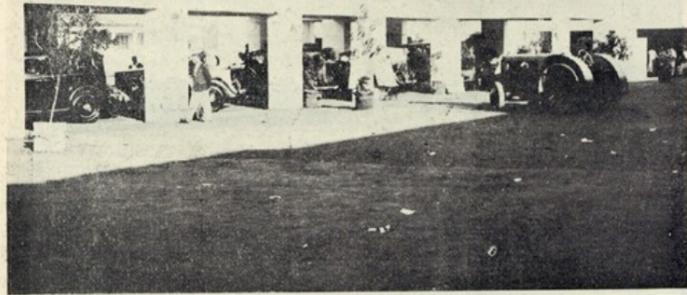
No marco 13, a 402 metros de altitude. Observando sob. . a vigilancia dum cipaio...

No «droft», em Komatipoort.

Trecho das belezas naturais do Incomati proximo de Ressano Garcia.

Entre fronteiras. Pisando as duas terras...

Exposição Agricola e Industrial

de

MARRACUENE

A' ESQUERDA (de cima para baixo):

Um aspecto do stand de automoveis e tractores.

Um interessante numero feito por praças do Esquadrão de Dragões. Uma praça, de pé, em cima de uma parelha de cavalos a galope, que conduz.

O sr. Encarregado do Governo na estação de Marracuene.

Na coluna do meio:

1 — Aspecto da entrada da Exposição.

2 — Uma patrulha de cossacos.

A' DIREITA (de cima para baixo):

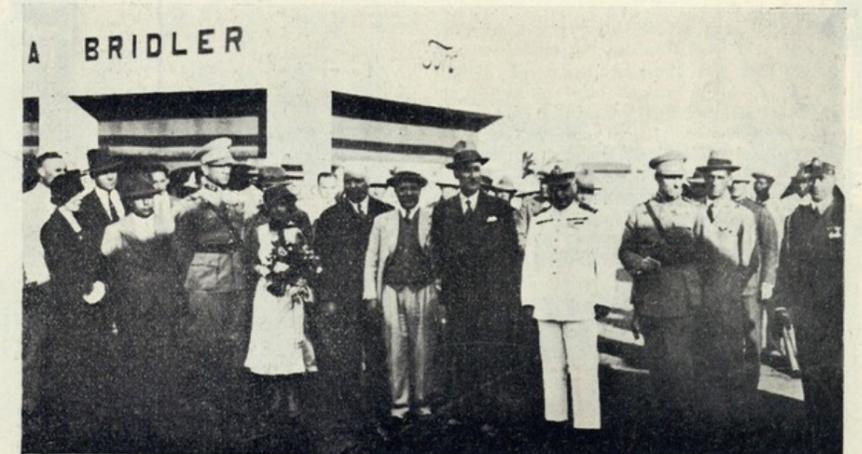
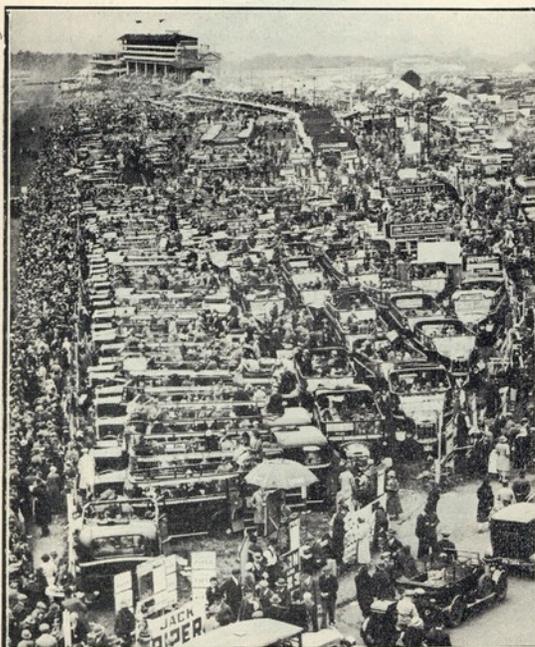
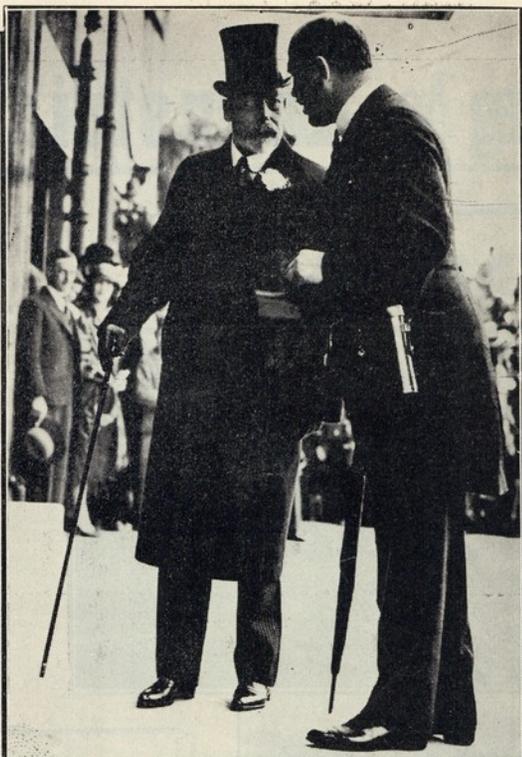
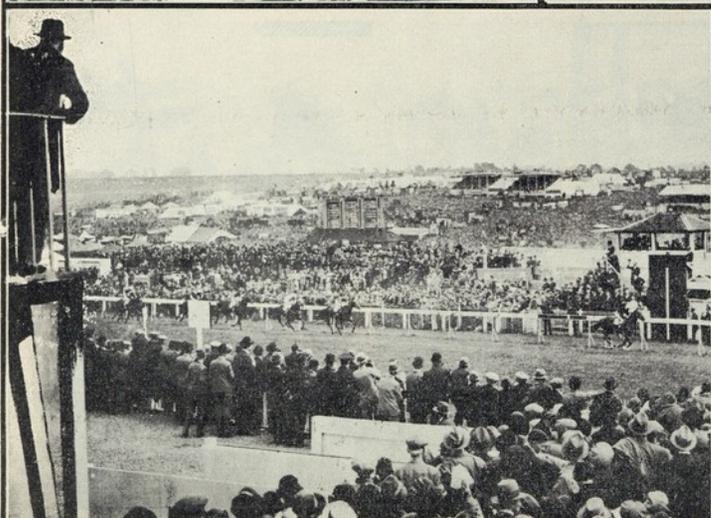
O sr. Encarregado do Governo com as pessoas que o acompanharam na visita à Exposição de Marracuene.

Una praça do Esquadrão de Dragões, num dos numeros de volteio.

O sr. Encarregado do Governo no recinto da Exposição, tendo á sua esquerda o sr. comandante Rocha e Cunha e á sua direita o sr. eng. Pinto Teixeira, director dos C. F. M.

Na coluna do meio:

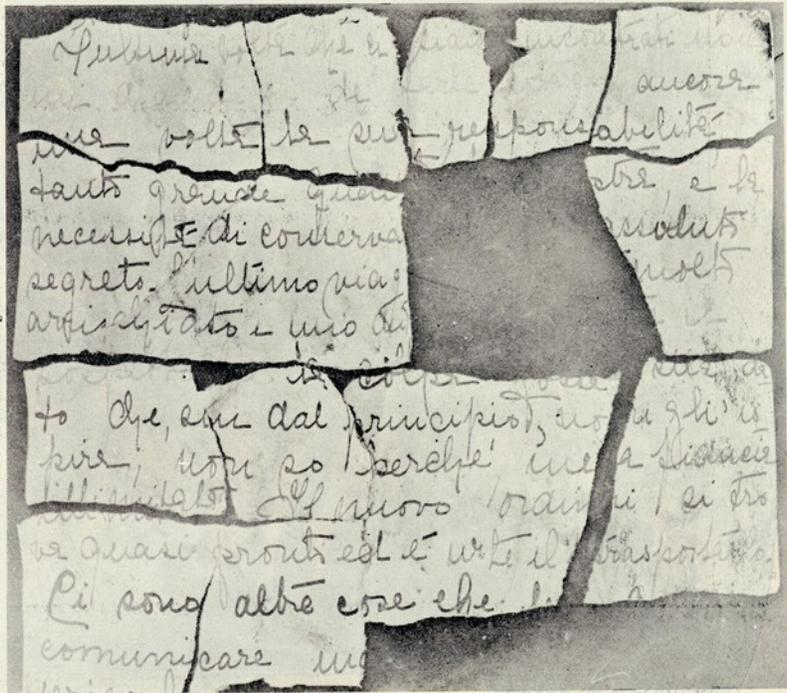
3 — O jury das gincanas de motos e automoveis

4 — O sr. Encarregado do Governo á saida de um «stand», acompanhado do sr. Felisberto Ferreirinha.

Da esquerda para a direita.—*Raparigas vestidas de ciganas com caixas de bilhetes para o «Sweepstake» irlandez, cujos premios correspondem aos cavalos vencedores no «Derby».—Jorge V e o conde Rosebery.—Uma vista da aglomeração de viaturas e pessoas.—Os tradicionais vestidos ornamentados com botões de madreperola.—Final da corrida com o cavalo vencedor «Hyperion», á cabeça.—Na conhecida volta «Fattenham».*

O Crime da Catembe

Causou, como é natural, uma grande sensação, o inicio desta nossa reportagem. Não faltou, porém, (entre tantos que por tão palpitante caso se interessaram) quem nos olhasse e nos acolhesse com sorrisinhos sarcasticos e enigmaticos de espiritos superiores... ou de pessoas que se julgam, talvez, no segredo dos deuses... Houve, tambem, quem nos encarasse de viseira carregada — não sabemos porquê...

Que querem significar esses sorrisos? Que não crêem em que nos seja possivel colher elementos bastantes para a descoberta do crime? Será isto? Pretendem, com isso, meter-nos a ridiculo? Perderão o seu tempo... Esses sorrisos não nos ferem nem nos atingem! Resvalam... E nunca poderemos sentir-nos ridiculos por procurarmos, esforçadamente e com o auxilio de outras pessoas, contribuir para o esclarecimento da verdade. Conseguiremos? Não sabemos. Mas, se o não conseguirmos, a culpa não será nossa e ficaremos com a consciencia tranquila por termos cumprido o nosso dever.

Antes, pois, de continuarmos a missão que nos impusemos, queremos declarar bem publicamente e deixar, aqui, bem consignado, que tais sorrisos não nos desconcertam e que tais semblantes carregados não nos perturbam nem nos atemorizam! Aqueles que em nós não crêem — os que não acreditam nos possiveis bons resultados do nosso esforço — e os que desejariam, talvez, que deste assunto não nos ocupassemos — se os há — que se desinteressem e não nos acompanhem. Ficarão connosco todos os outros! E por eles nos sentiremos bem amparados, moralmente, para que não desistamos de prosseguir até final, sem desfalecimentos!

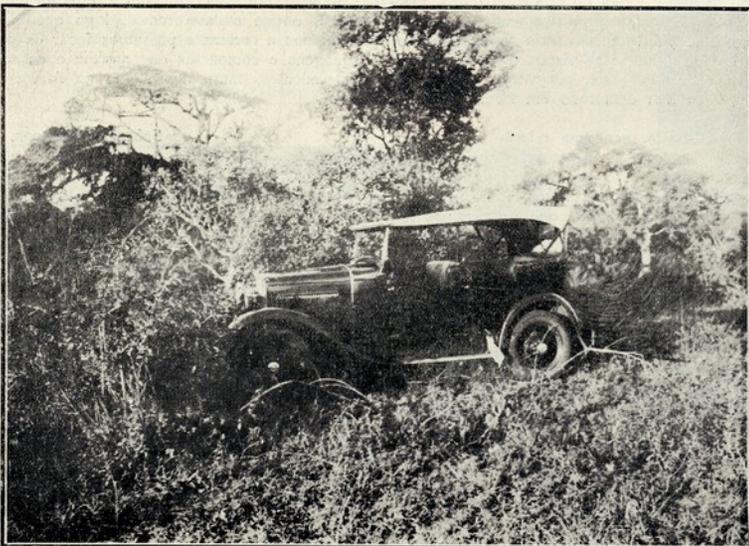
Seja isto dito, duma vez para sempre, e continuemos.

TRADUÇÃO — A ultima vez que nos encontramos não me esqueci de fazer-lhe notar mais uma vez a sua responsabilidade tão grande como a nossa e a necessidade de conservar....... absoluto segredo. A ultima viagem........, muito arriscada e um....... a suspeita de que a culpa fosse sua, sendo certo que, desde o principio, não lhe inspira, não sei porquê, uma confiança ilimitada. A nova encomenda (ordem ou remessa) está quasi pronta e é urgente transporta la. Ha outras coisas que...... comunicar mas .... escrever-lhe.

* * *

Haviamos prometido, no numero anterior, relatar os factos emocionantes que deram origem a esta nossa reportagem, «embora ocultando nomes, por emquanto». Factos posteriores, porém, obrigam-nos — bem contrariados! — a adiar esse relato para um pouco mais tarde. Outros dados e outras informações, que até nós chegaram, a isso nos levam para não prejudicarmos, nós proprios, com uma precipitação que seria imperdoavel, o nosso próprio trabalho e o daqueles que, desde o inicio, se veem dedicando á descoberta e reconstituição do crime.

Essas posteriores informações e esses dados concretos — alguns dos quais já se encontram em nosso poder—são de molde (devemos dizê-lo desde já) a firmar a opinião, que já manifestamos, de que as primeiras investigações das autoridades deviam conduzir a uma pista errada.

Na verdade, a cerca duns duzentos metros do local do crime, e no caminho que o automovel dos criminosos deve ter seguido para os lados do Maputo, foram encontrados alguns fragmentos duma carta, escrita em italiano e com letra de mulher, que deve ter uma intima relação com a tragédia. Não foi possivel, até agora, apesar das diligencias empregadas pelos nossos informadores, encontrar os outros fragmentos dessa carta — ou porque tenham caido dentro do proprio automovel dos criminosos, ou porque por eles fossem espalhados a distancias muito diversas durante o percurso que seguiram depois do crime, ou porque o vento os levasse para outras direcções. Assim, não podendo, por ora, reconstituir-se a carta, e não tendo sido encontrados os fragmentos que deviam ter a assinatura de quem a escreveu e o nome da pessoa a quem foi dirigida, impossivel é chegar-se a uma clara conclusão. Denunciamos, no entanto, o facto e publicamos a fotografia desses pedaços, para que disto tenham conhecimento especialmente o sr. Administrador da Circunscrição do Maputo, o sr. Chefe de Posto da Catembe e demais autoridades, e para que nós possamos ser auxiliados por quaisquer pessoas que porventura venham a encontrar todos ou alguns dos outros fragmentos da carta.

Terá esta carta, realmente, como supomos, intima relação com o crime? Melhor informados, talvez, do que nós e dispondo doutros meios de investigação, estarão as autoridades de posse de elementos claros e pre-

NO LOCAL DA TRAGEDIA — Como e onde foi encontrado o carro da vitima no dia imediato ao do crime.

Na Paroquial de Nossa Senhora da Conceição realisou-se na manhã de 26 de Junho o enlace matrimonial de Melle. Irene Thierstein com o sr. dr José Simões Ferreira Junior.

Ao centro os noivos, com as damas de honor, á saida da Igreja. Aos lados, a noiva saindo da sua residencia com seu pai o sr. Albert Thierstein e os noivos á saida da Paroquial.

cisos e não darão, portanto, a este facto, que hoje desvendamos, importancia de maior?

Não sabemos. Seja como fôr, não se nos pode levar a mal — pensamos — este esclarecimento, que pode vir a lançar muita luz sobre o misterioso e trágico acontecimento.

Para o nosso espirito, este detalhe tem uma particular importancia. E tem-a porque se encontra correlacionado com outras circunstancias que impressionam e não são para despresar. A nosso ver — sem armarmos em «detective»..., mas pelo saber de experiencias feito resultante do exercicio da nossa profissão e da nossa cultura geral — entendemos que esta carta deve ser conjugada com outro detalhe que parece não ter impressionado grandemente ou ter até passado despercebido: a arma empregada na consumação do crime — um punhal — arma tão raramente usada. E não há duvida — disso não há duvida nenhuma — de que foi encontrado um punhal, ensanguentado, a cerca de 32 metros do carro da vitima, logo no dia imediato ao do crime e no local apontado na nossa gravura do numero anterior. Por outro lado, tudo isto se prende, igualmente, com o fragmento do vestido branco, de crepe da china, encontrado junto do carro da vitima, tambem no dia imediato ao do crime. E, por todas estas razões, mais se enraiza no nosso espirito que o mobil do crime foi outro, muito diverso, do que primitivamente se pensou, e que, na realidade, não seria nenhum dispauterio o lançarem-se as vistas, como dissemos, para certo Buick que, por vezes, tem aparecido e se tem demorado em Lourenço Marques.

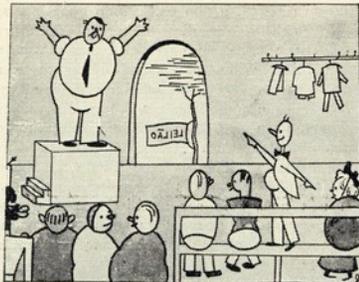
A ser assim, nenhuma relação teriam tido com a tragédia, o automovel Fiat, amarelo, de cinco lugares, a senhora vestida de vermelho e o seu ramo de cravos roxos, nem essa idea absurda e infantil, que sempre nos fez sorrir, de que, escondido nesse ramo de cravos, é que fôra transportado o punhal!... Fantasias — salvo o devido respeito — de espiritos simplistas ou de imaginações exuberantes que, á mercê de quaisquer informações sobre um facto, logo acrescentam pormenores, como se a esse facto tivessem assistido. E a verdade é que, á custa de pensarem nesses pormenores e de os repetirem em sucessivas conversas, chegam a auto-sugestionar-se, a tomar como verdadeiro o que não é e a dar como certo o que não viram, o que não presenciaram e o que não se passou! Está disso cheia a historia dos crimes e dos erros judiciarios. Infelizmente!

Segundo a nossa versão, e no pé em que, por emquanto, se encontram as nossas investigações, qual teria sido o mobil do crime?

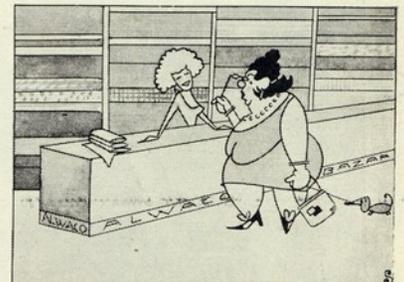
Estamos já daqui a ver os sorrisos... escarninhos dos incredulos e dos super-homens... Mas não importa. A caravana passa... mesmo atravez dessas eriçadas setas da ironia com que pretendem ferir-nos e desencorajar-nos...

Nesta hipotese — a unica que, por ora (com os elementos de que dispomos) nos merece visos de verdade — ou nos encontramos dentro das consequencias dum caso de contrabando de opio ou de diamantes (e para isto mais nos inclinamos) ou dum caso de espionagem. Possivelmente, tambem, duma e doutra coisa. É o que esclareceremos, logo que disso tenhamos a certeza e possamos focar os personagens e comparsas da tragédia e os seus antecedentes, tanto aqui como na Africa do Sul.

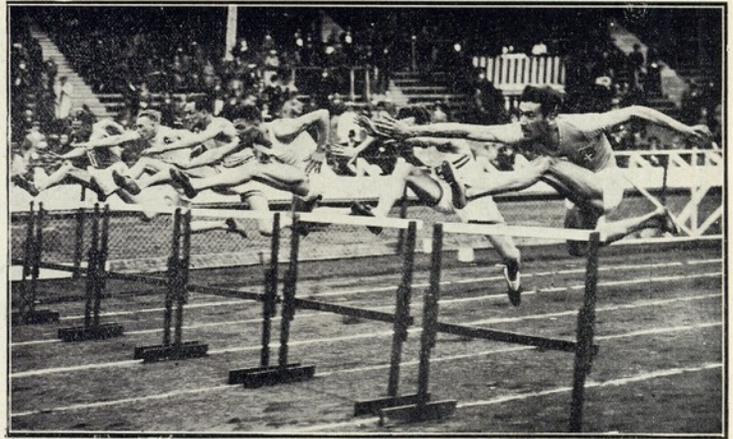
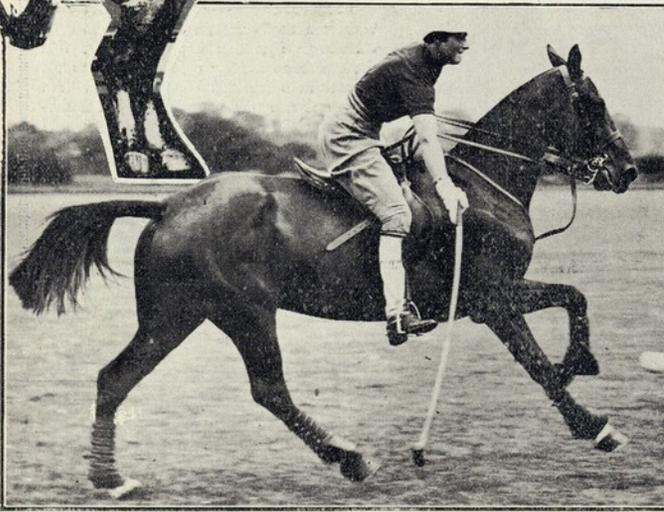
Sobral de Campos.

No leilão do Zé Marques

Pregoeiro — *Vamos passar ao quintal. Chamo a atenção de V. Ex.as para este colossal lote de sucatas.*

Freguez — *Tambem vai leiloar a minha sogra?*

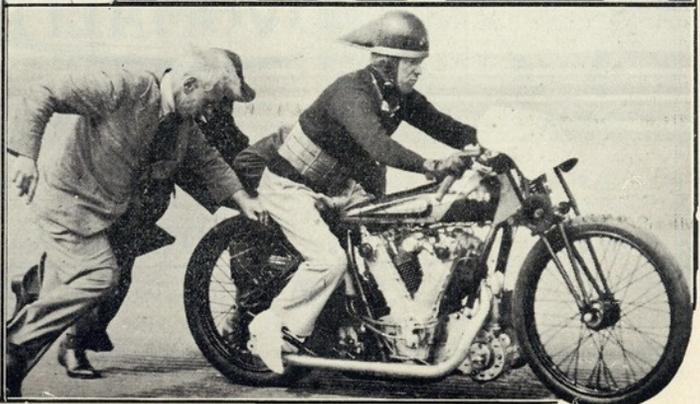
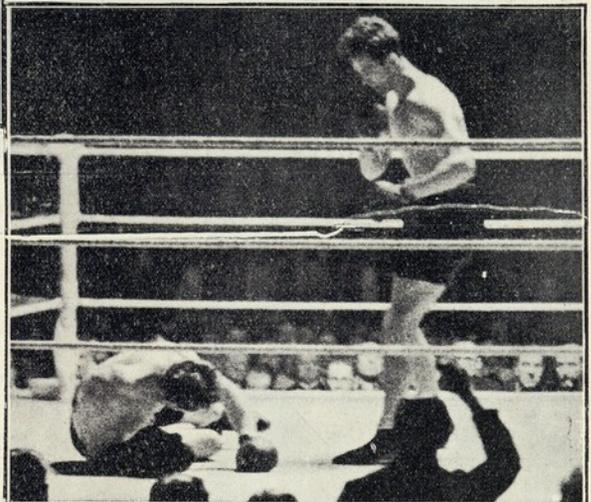
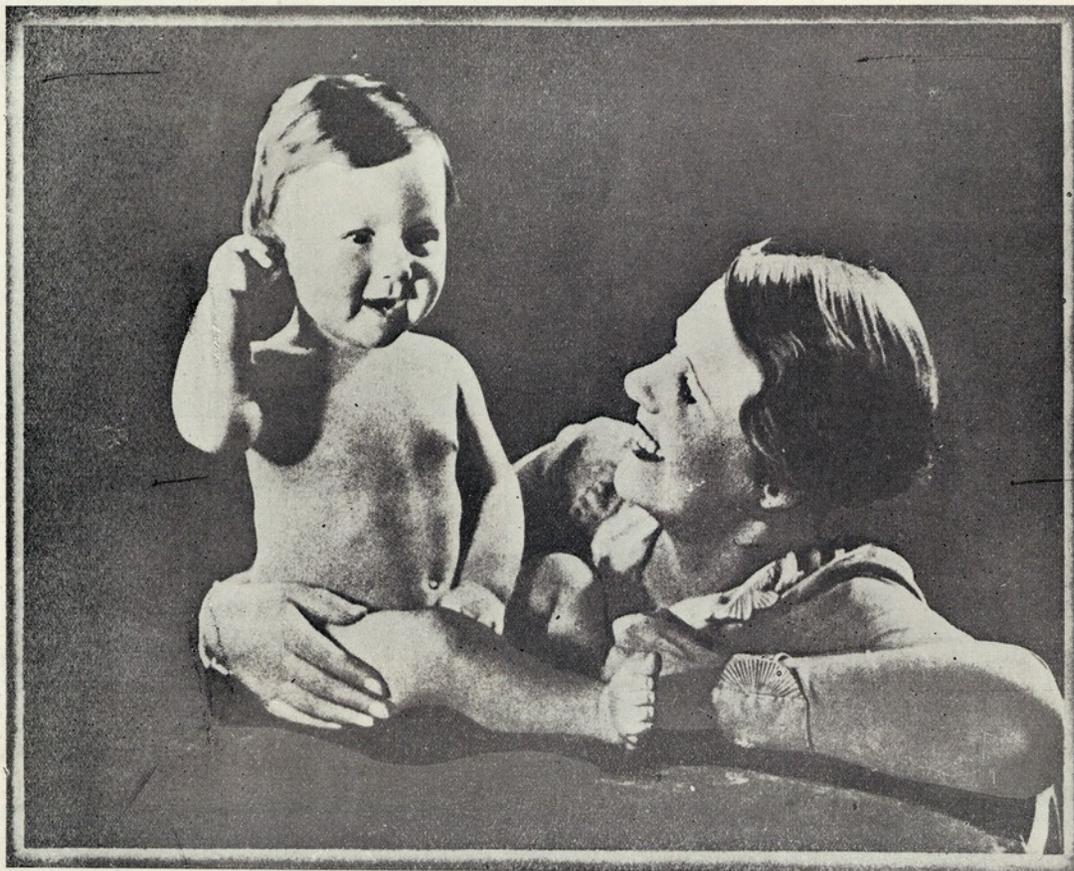
No Alwaco Bazar

A Fregueza — *Tem popeline?*

A Caixeirinha — *Sim madame. Temos popeline de todas as côres para roupa branca.*

Miss Betty Roth, a celebre «écuyére» num dos seus numeros, admirável de harmonia e virtuosismo

Uma excelente passagem de barreiras. Fotografia tirada nas 120 jardas, barreiras, dum «match» anglo-italiano realizado em Londres. O vencedor é o quarto a contar da esquerda, D. C. Finlay, que bateu Stanwood, o campeão britanico de Oxford, e Facelli, campeão da Italia.

Lady Priscilla Willonghby, uma das mulheres que em Melton jogaram uma partida de «mixed polo» no Polo Club.

EM BAIXO — *O irlandês Jack Doyle, após uma estadia em França, onde treinou sob a direcção de Deschamps, o famoso manager de Carpentier, bateu facilmente o belga Humbeck por K. O. ao segundo assalto.*

EM BAIXO (á direita) — *Joe Wright, na sua formidável A. J. S., falhou a tentativa de rehaver o record mundial, de que o alemão G Henne se apossou A tentativa de Wright foi feita em Southport, perante cerca de 10.000 espectadores.*

A' esquerda — *Um instantaneo bizarro: dois fortes lutadores japonêses vre parando o ataque.*

Nas mudanças de estação...
convem tonificar o organismo!

. . . principalmente o das creanças.

E' indispensavel, porem, devido á sua compleição delicada e estomago sensivel, escolher cuidadosamente os alimentos. Não se confundam:

O mais rico — que não é um passageiro estimulante, mas sim um poderoso reconstituinte — o mais rapidamente assimilavel e facilmente digerivel, é a OVOMALTINE.

N. B. — *Nos casos de anemia, insónias, esgotamento, gravidez e amamentação, a OVOMALTINE é tambem altamente aconselhavel.*

AGENTES:

F. BRIDLER & Ca., Ltd.

CAIXA POSTAL 65 — LOURENÇO MARQUES

A Caracterisação das actrizes

para o cinema falado

por *Penelope William*

Desde a introdução do cinema falado, a caracterização mudou tão radicalmente como a maneira de representar para o ecran.

Nos tempos do silencioso, as actrizes aplicavam na cara um vermelho vivo; agora empregam o castanho na sua caracterização.

Esta mudança deu-se com a invenção dos films pancromaticos. Em lugar de empregarem vermelhos vivos, azuis e verdes, para aumentar e acentuar as suas feições, como antigamente, a caracterização passou a ser feita a castanho.

O castanho é usado como base no pó, para os olhos, para os lábios e como «rouge». Apesar de já se saber que as caracterizações são feitas com castanho, não há ainda uma regra para a sua aplicação. Cada cara, cada personalidade requere um sistema de caracterização perfeitamente diferente.

Esta individualidade foi uma das grandes mudanças que o cinema falante nos trouxe.

Podia esperar-se que Maria Dressler, com pó base, encobrisse todas as suas rugas, ocultando assim as marcas da idade. Contudo a querida actriz não faz tal; põe ao de leve o pó na cara, só para escurecer; retoca as sobrancelhas, pestanas e bôca. Só quando tem de representar de senhora mais nova ou nalgum papel dobrado, em que apareça como a mesma pessoa em épocas diferentes, é que Miss Dressler esconde as suas rugas.

Norma Shearer: outra actriz que precisa de caracterizar-se pouco para o ecran.

Um pouco de pó castanho, o suficiente para esconder a sua côr rosada. Os olhos sombreados de castanho, levemente mais claro debaixo das sobrancelhas e mais carregado nas olheiras.

As suas sobrancelhas são apartadas e quási em linha recta, efeito este que ela realiza com o auxilio duma pinça. Deste modo torna os olhos maiores. O efeito natural consegue-o ela penteando as sobrancelhas para o lado do nariz e o resto delas para traz. As pestanas são escurecidas com castanho escuro e os lábios ao de leve com baton castanho.

Apesar dos cuidados com a bôca, desde que a actriz fale, os olhos dizem o resto. Por isso merecem estes as maiores atenções.

Greta Garbo tem um cuidado especial com os olhos. Embora corram rumores de que as suas pestanas são postiças, são dela e muito dela. Como as conseguiu tornar tamanhas, é seu segrêdo. É um mistério, como misteriosa é ela própria. A estrela sueca nada usa nas sobrancelhas alem dum traço na parte mais baixa. Isto dá-lhe um efeito exótico exclusivamente seu. Não há «camouflage» na sua caracterização. É a sua própria cara.

Joan Crawford é outra pessoa muito verdadeira na sua caracterização. A sua bôca, grande, mas em arco de cupido, deixa-a ela, tal como é. As suas sobrancelhas são em arco, numa linha, como as de Greta Garbo, mas em lugar de lhe darem um ar exótico como á estrela sueca, dão uma expressão de frescura aos seus lindos olhos.

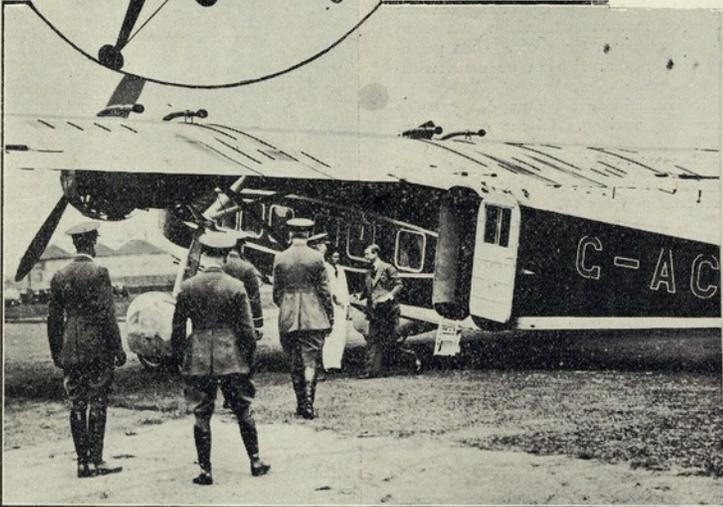
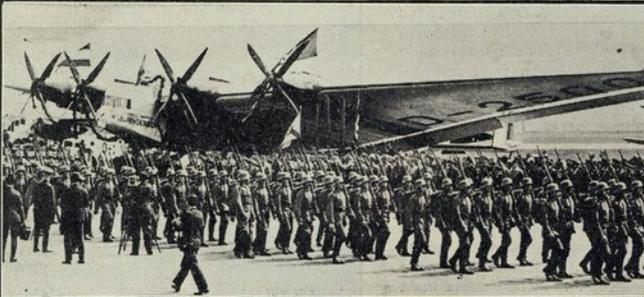
O caso de Anita Page mostra bem a importancia que tem uma caracterização bem feita.

Miss Page tem passado pelo que quási todas as raparigas passam, no palco—parecerem mais velhas do que realmente são. Ela mudou a maneira de arranjar as sobrancelhas. Á bôca deixou de dar a forma de «arco de cupido», deixando ver os seus lábios polpudos, tais como são, do que resultou o parecer agora muito melhor e mais nova do que dantes. É dona dumas lindissimas pestanas, que ela crê que devem o seu crescimento ao puxá-las vigorosamente depois de tirar o rimmels.

Madge Evans é outra advogada da individualidade na caracterização. Não tenta esconder a testa alta, com caracóis ou pastas de cabelo; entende que uma vez que tem a testa grande é assim que a deve mostrar.

Esta luta pela individualidade da caracterização, tem acabado com os antigos métodos de escurecer o rôsto, para lhe dar uma forma mais oval. Escurecer os olhos duma certa e complicada maneira dá-lhes um aspecto infantil.

De resto, caras lindas são caras lindas, quer sejam compridas ou redondas.

Aviação

CONTRA AS TRIBUS REBELDES — Os oito novos aeroplanos encomendados á casa Haviland para as Fôrças aéreas do Irac, com os respectivos tripulantes.

TRAGÉDIA DUM «SEM-MOTOR» — O estado em que ficou o aparelho do mais famoso piloto inglês deste género de aviação, Lowe Wylde, caido duma altura de 400 pés. O aviador teve morte instantânea.

EM BAIXO — Os aviadores Gayford e Nicholetts, depois de baterem o record de longa distância á Africa do Sul, recebem cumprimentos.

Em cima respectivamente:

1 — O Principe de Gales saindo do seu «Vickers-Viastra», um dos mais rapidos e luxuosos aparelhos particulares de todo o mundo.

2 — O «Field Marshal Von Hindemburg», (o maior aeroplano da Alemanha), na cerimónia do seu baptismo em Berlim.

3 — A aviadora francesa, Melle. Maryse Hiltz, é condecorada depois do seu vôo Paris-Tóquio.

Uns oculos maravilhosos...

Estes oculos, que usa para o trabalho, tambem servem para descobrir a fascinante luz da iluminação publica..., para lobrigar a puresa da agua potavel... e para atrair os electricos que se foram... Todavia... ás vezes, ainda deixam confundir uma lampada com uma bola de golf...

Já não quero outro:
Agora o
SABÃO
DE
MOÇAMBIQUE
Lava bem!